

Čapek avisou-nos

*A guerra das salamandras*, de Karel Čapek

O ano é 1936. A Europa fumega, mas ainda não arde. Algures num país a poucos anos de mergulhar no nazismo alemão, surge uma obra que, como um barril de pólvora em 300 páginas, capturou o colapso de um continente à beira da ebulição como poucas outras conseguem. Das profundezas da Checoslováquia, no fim do período entre guerras, nasce uma sátira tão incisiva e atual, contada num formato tão perene, que toda ela é mais relevante do que alguma vez foi. O seu autor, Karel Čapek, não chegou a testemunhar o desfecho trágico da época em que viveu – nomeado “inimigo público” pela Gestapo, morreu no exílio em 1938, ainda antes do começo da Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, ao compor *A guerra das salamandras*, num rasgo de genialidade narrativa e satírica, deu-nos uma das grandes obras-presságio do seu tempo – e do nosso.

Como pode uma obra sobre uma espécie de salamandras humanoides que se revolta e destrói a humanidade ser, atrevo-me a dizer, uma das grandes obras de ficção científica de todos os tempos? Vamos por partes. *A guerra das salamandras* não recorre a um protagonista; aliás, se recorre, esse protagonista é a humanidade. Se, ao longo da narrativa, acompanharmos algumas figuras curiosas – como J. Van Toch, marinheiro que descobre as salamandras numa ilha do Pacífico e se torna sócio de G.H. Bondy, industrialista ferrenho, cujo intuito de exploração da espécie desencadeia a desgraça da humanidade –, praticamente nenhuma surge em mais do que dois capítulos seguidos. A personagem em foco, o verdadeiro protagonista, é o ser humano, esse coletivo que, ao longo do livro, se deixa fascinar pela humilde salamandra; que testemunha, boquiaberto, a destreza, a biologia e a acelerada reprodução da espécie; que a vê a evoluir em todos os aspetos enquanto, inadvertidamente, perde terreno para o seu novo servo; que entra num profundíssimo conflito social, cultural, político, e até religioso, consigo mesmo quanto ao papel da salamandra na sociedade: *integrar, explorar ou erradicar?* E, que, no fim, é derrotado pela espécie que ele próprio moldou. Todas as insensatezes, vícios, divergências e ruturas da humanidade como ela foi e continua a ser, do sensacionalismo mediático, quando surgem os primeiros relatos de

salamandras, à apropriação ideológica da espécie, estão aqui retratadas, num tom tão alucinante e hilariante quanto metódico e sombrio.

O grande momento de triunfo narrativo n' *A guerra das salamandras*, a peça central que age como ponte do início da tragédia humana ao seu fim, é a segunda e mais longa parte da obra. Como mencionado, esta obra não recorre a protagonistas fixos, exceto talvez o ser humano; aqui, no momento que mais rompe com as convenções literárias do seu tempo, testemunhamos esse fenómeno em primeira mão. Após estabelecer, através de um preâmbulo narrativo, a descoberta das salamandras e o início da sua exploração pelos humanos, Čapek interrompe repentinamente os métodos narrativos tradicionais e entra na fase mais contemplativa e satírica do livro: uma coleção de excertos recolhidos pelo Sr. Povondra, porteiro do poderoso G.H. Bondy e estudante entusiasta do fenómeno *salamândrico*, revela ao leitor cada recanto do processo da queda do humano. Eis a genialidade: não acompanhamos os eventos em primeira pessoa, mas através de uma retrospectiva, do lado de fora, como se os acontecimentos se estivessem a desenrolar num documentário, ou num livro de não-ficção. Ao nível científico, é explicada a biologia da salamandra, a sua reprodução altamente complexa, os comportamentos sociais que apresenta, tudo através de uma série de referências e artigos que o autor se esmera para tornar o mais credível possível. É difícil exprimir o quão impressionante é a capacidade de Čapek para concentrar toda a Era da Salamandra, os anos de ouro da humanidade, numa sequência de factos e textos objetivos e conseguindo, mais do que uma narrativa normal, cativar tanto o leitor. Da sociedade geral lemos excertos académicos e noticiosos que nos contam os conflitos humanos quanto à presença da espécie. Reina o caos: surgem movimentos poéticos e artísticos, *salamandristas*, cultos que veneram a espécie, movimentos de libertação e de classe (“serão as salamandras uma nova classe operária?”, pergunta uma instituição suíça), e é até descoberta, no que é uma sátira clara da eugenia nazi, uma dita “raça superior” de salamandras arianas, oriunda do Mar Báltico. São tantas as fontes, e tão acelerada a chegada de nova informação sobre o mundo lá fora, que é impossível escapar à sensação de que estamos a testemunhar um momento de confronto interno de toda a humanidade, que projeta nas salamandras tudo aquilo em que acredita e que quer para si mesma.

Ainda na segunda parte do livro, firmemente ancorada no rigor de jornais, artigos científicos e livros de história, surgem relatos dos primeiros incidentes entre as duas espécies, aqueles que virão a ser as acendalhas de uma guerra de proliferação para as salamandras e de sobrevivência para os humanos. Até aqui, no descambar surreal de uma narrativa que caminha a passos largos para o armagedão, Čapek mantém o seu tom incisivo, por vezes hilariante, e tão reminescente do mundo em 1936: ambos os lados, terrestre e aquático, enviam diplomatas em tentativas vãs de encontrar um acordo com o outro lado; organizam cimeiras, negociam, estabelecem meios de comunicação, mas, perante um mundo que borbulha com tensão, correm ao armamento e caem na violência. Página a página, torna-se aparente que o ser humano será o grande perdedor desta batalha às mãos do Monstro de Frankenstein que ajudou a criar. Surgem tsunamis, ultimatos submarinos, começam a afundar os primeiros países: o mundo vai desaparecendo nação a nação – sem mais resistência, até os países montanhosos e sem costa começam a cair. É nesse fim iminente que a narrativa volta à Checoslováquia, nação de Čapek, também ela sem mar; após tanto tempo, e num mundo tão alterado desde que o vimos pela última vez, reencontramos o porteiro Sr. Povondra. O derradeiro comentário social de Čapek é talvez o mais desolador: Povondra, que, no início do livro, decidiu contra a sua vontade abrir a porta ao marinheiro Van Toch para que este apresentasse a proposta de uma exploração inicial de salamandras a Bondy, é a personagem que Čapek apresenta a carregar uma consciência pesada por “provocar” a destruição da humanidade. Não os industrialistas, os comerciantes de salamandras, nem qualquer outra pessoa que tenha lucrado com esta exploração em massa; é um mero porteiro, o homem comum, a viver e a morrer atormentado por toda a destruição que crê ter causado com o mero abrir de uma porta. É por momentos como este, por toda uma crítica que vive até hoje, todo um retrato da desculpabilização dos responsáveis pelo colapso da humanidade e da alma pesada daqueles que apenas podem acompanhar o mundo nos jornais enquanto este colapsa, que *A Guerra das Salamandras* merece uma leitura, e a razão pela qual escolhi escrever sobre esta obra, neste século em que vivemos.

*A guerra das salamandras* permanece profundamente relevante nos nossos dias. Basta olhar para a narrativa tecida por Čapek e contrastá-la com a atualidade.

Décadas antes da popularização do conceito de sustentabilidade, o autor demonstra as consequências sociais e geológicas da ganância desmedida e de um desenvolvimento industrial sem travões. Nos últimos capítulos, testemunhamos o culminar de um mundo estritamente preocupado com o lucro e os benefícios de curto-prazo: um planeta em que os oceanos dominam, e onde todos os países desapareceram, ou estarão prestes a desaparecer, assolados pela subida do nível do mar. Devemos mencionar que, no livro, esta destruição é propositada, realizada por parte das salamandras, que se revoltam contra os seus antigos mestres. Mas, tal como os industrialistas no livro, que aceleraram cegamente até provocarem a própria ruína induzida por salamandras revoltosas, não estamos nós também a caminhar para um apocalipse da nossa própria autoria? Não vemos também os nossos próprios mares a subir? Não abusamos dos recursos que possuímos em nome do progresso? Fraturados por questões internas enquanto tanto arde, enquanto tanto é submerso, entre o desenvolvimento de tecnologias que provocam as mesmas discussões que a humanidade tem no livro – o que sacrificar em nome da produtividade – e o destruir do nosso único planeta, não estaremos também nós a criar a nossa salamandra, o nosso instrumento fatal?

Vivemos num mundo sem salamandras, mas que sente o mesmo subir das águas. Num mundo sem G.H. Bondy, mas com tantos outros indivíduos que veem apenas a produtividade, explorando os oprimidos em nome do lucro fácil. Quase um século depois, a obra de Čapek é ainda um espelho da nossa sociedade, tanto quanto ainda é fortemente debatida. Pelas redes sociais, os leitores ainda discutem: o que representam realmente as salamandras? Serão elas as heroínas da narrativa, uma espécie oprimida que se revolta e alcança a liberdade, a espécie vilã que condena a humanidade como um todo ao afogamento, ou estarão elas algures no meio desse espetro? Serão elas apenas um meio absurdo de demonstrar a tolice humana, ou representantes de todo um momento histórico de injustiça e violência? E teriam elas, perante tamanho sofrimento, justificação moral para levar a cabo os seus atos? Onde termina a vingança e começa o extermínio em massa dos que não merecem tamanha violência? O leitor terá as respostas. O leitor de *A guerra das salamandras* faz precisamente o que toda a humanidade, chocada com tamanha revolução *salamândrica*, fez no livro: projeta as suas crenças nesta pequena criatura, e por toda esta magnífica tábua rasa tão mordaz e moderna.

Duarte Martins